

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR: O COTIDIANO E A REVISTA NOVA ESCOLA

Teacher social representations: the daily life and the Nova Escola magazine

Rafael Rodrigues Lourenço Marques<sup>1</sup>  
Carlo Ralph De Muis De Muis<sup>2</sup>

**RESUMO:** A pesquisa objetivou a análise das representações sociais sobre o professor no cotidiano e na revista Nova Escola, partilhadas por docentes do Ensino Fundamental das escolas municipais de Cuiabá – MT. Foi sedimentada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici, e na Teoria do núcleo central, de Abric. Foram questionados 146 professores do Ensino Fundamental em nove escolas públicas de Cuiabá-MT. *O professor no cotidiano* se apresenta como um profissional permeado por qualidades positivas, mas insatisfeito com suas condições de trabalho. Já *o professor na revista Nova Escola* sugere uma dicotomia por parte do grupo de professores, entre ilusão e ideal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações sociais. Ofício docente. Revista Nova Escola.

**ABSTRACT:** The research aimed to analyze the social representations about the teacher in daily life and in the magazine New School, shared by teachers of elementary school of public schools in Cuiabá - MT. It was settled on the Theory of Social Representations of Moscovici, and the Theory of the central core, Abric. Primary Education 146 teachers were questioned in nine public schools in Cuiabá-MT. The teacher in daily life is presented as a professional permeated by positive qualities, but dissatisfied with their working conditions. But Professor in the journal New School suggests a dichotomy by the group of teachers, between illusion and ideal.

**KEYWORDS:** Social representations. Teaching profession. Nova Escola Magazine.

### INTRODUÇÃO

Discutir o potencial de influência dos meios técnicos de comunicação na constituição do arcabouço de significados contemporâneo é lugar comum na área de ciências humanas. Cada campo teórico apresenta um ponto de vista acerca deste tema. Na maioria das vezes, a discussão central posiciona a mídia como a vilã da trama, responsável por fenômenos que alienam indivíduos e grupos.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de dissertação de mestrado que faz parte de uma série de investigações sobre o ofício docente norteadas pela Teoria

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, rafael\_jornal@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, carlo.demuis@gmail.com.

das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978, 2003) desenvolvidas por membros do Grupo de Pesquisa em Educação e Psicologia (GPEP) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A pesquisa buscou identificar as representações sociais do professor, no cotidiano e na revista Nova Escola, para docentes da rede pública municipal de Cuiabá-MT. Além disso, investigou a presença de elementos que indicassem uma potencial influência ideológica da referida publicação nas representações acerca dos docentes. Para tanto, procurou-se investigar alguns aspectos que tangem o cotidiano escolar, os ideais educacionais e a ideologia que perpassa os meios técnicos de comunicação. A análise dos dados coletados foi feita mediante este referencial, tendo como suporte fundamental a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici.

Partindo da análise da estrutura de uma representação – especificamente no que tange a sua centralidade e periferia –, conforme Abric (1998), apoiou-se em Wagner (1998), quando este delimita os cinco critérios para se identificar uma representação social. Considerando que o conhecimento apreendido pelos grupos sociais sofre alterações ou distorções conforme é apreendido e assimilado pelo senso comum (JODELET, 2001), foi concebida a seguinte ordem problemática: em que medida os significados sobre o trabalho docente, veiculados pelos meios de comunicação, influenciam a construção de representações sociais sobre o trabalho do professor pelos próprios docentes em exercício?

Das implicações desta questão foi pensado o diálogo entre o campo da comunicação social, Teoria das Representações Sociais e o trabalho docente. Tal articulação é possibilitada em Jodelet (2001), quando esta afirma que o espaço de estudo em representações sociais possui um caráter multidimensional por estudar como determinados objetos, das mais diversas áreas de estudo, são assimilados pelo senso comum e representados pelos grupos presentes em nossa sociedade.

Nesse sentido, a justificativa para se estudar o campo educativo a partir da Teoria das Representações Sociais se encontra em Gilly (2001, p.17), quando este afirma que “[...] o interesse essencial da noção de representação social para a compreensão dos fatos de Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo”.

Conforme o autor, os estudos cujas abordagens se pautam pela Teoria das Representações Sociais podem colaborar para a compreensão do papel desempenhado pelo conhecimento socialmente partilhado no cotidiano escolar, que é

permeado por diversos grupos, com diferentes conjuntos de valores, crenças e posturas. O trabalho docente torna-se significativo como objeto de estudo da Teoria das Representações Sociais a partir do conceito denominado saliência sociocognitiva (FLAMENT e ROUQUETTE, 2003). Trata-se da relevância social e psicológica de determinado objeto para uma sociedade e época específicas, quando este se torna um conceito que reúne em seu entorno uma série de outros objetos significativos, orientando condutas e práticas.

O conceito acima explicitado pode ainda sustentar relações entre trabalho docente e processos comunicacionais presentes na definição do objeto deste estudo, uma vez que a saliência sociocognitiva de determinado tema requer presença recorrente nos processos de mediação comunicacionais – tanto nas interações cotidianas, como nos processos comunicacionais como televisão, rádio e jornais –, com argumentações e tensões que podem regular tomadas de decisão sociais.

A fim de averiguar a imagem do docente veiculada em um meio técnico de comunicação, considerou-se a seleção de um veículo de fácil acesso e circulação entre o grupo docente que, hipoteticamente, estaria incorporado às suas discussões e práticas cotidianas, relativas ao seu senso comum. Conforme Costa e Silveira (1998, p. 346) a revista *Nova Escola*, da Editora Abril, “[...] é o mais conhecido periódico dirigido a um segmento ocupacional específico”, o que justificou a sua escolha.

## TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como referentes de base utilizaram-se a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978, 2003), e a Teoria do Núcleo Central de Jean Claude Abric (1998). A Teoria das Representações Sociais tem como objeto de estudo o senso comum e sua repercussão quanto à edificação e mutação de valores, crenças, atitudes e opiniões. Pressupõe que o senso comum é uma forma de conhecimento legítimo, por contribuir para a construção e manutenção da realidade social. (JODELET, 2001).

Uma das formas de compreender uma representação social consiste em buscar a forma como um grupo a estrutura e a organiza cognitivamente. De acordo com a Teoria do Núcleo Central, proposta por Abric (1998), o conhecimento do conteúdo de uma representação social não é suficiente para defini-la, sendo necessário identificar seu núcleo central – composto por elementos estabilizadores,

unificadores e inegociáveis para determinados grupos – e periferia – com características flutuantes e propensas a mudanças.

O campo educacional, dada a sua complexidade, oferece um espaço onde as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam. É um lugar onde o processo comunicacional informal traz para o mundo prático o conhecimento científico (GILLY, 2001). Um dos principais atores do âmbito educacional é o professor, cuja identidade se calca e muitas vezes se confunde com seu trabalho. O estudo das representações sociais, dos significados e do cotidiano dos professores constitui a base desta investigação, no entanto, o entrelaçado epistemológico tem forte influência das teorizações pedagógicas assimiladas pelos professores em sua formação. Elas estão presentes nas políticas de ensino e nos currículos, além disso, traduzem-se em livros e artigos que adentram o universo pedagógico.

## O OFÍCIO DOCENTE

As ações conduzidas pelos docentes em um ambiente de educação formal são orientadas por construções historicamente constituídas a respeito do ofício de professor. Tardif e Lessard (2005), afirmam que no trabalho docente a ação é voltada ao outro e, portanto, estritamente vinculada à comunicação, em sentido amplo. Dessa forma, o ensinar pode ser entendido como um processo constituído socialmente que ganha caráter educacional se possuir um princípio moral.

O processo educativo é, antes de qualquer coisa, uma ação falada e significativa – aqui o significativo está no sentido moral utilizado no parágrafo anterior – de um indivíduo a outro com a intenção de que este último reaja ao estímulo dado da forma educacional ideada e, quando bem sucedido, associando-se

[...] a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores e etc. (LIBÂNEO, 1998, p.32).

O trabalho docente possui uma significação socialmente construída com escopo interpretativo amplo, que remete à constituição sociocultural do ofício de professor. Acerca das dimensões educativas, Libâneo (1998, p. 31) distingue duas tipologias:

[...] a educação não-formal, que corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos em seu ambiente social [...] e a educação formal [...] que compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educacionais explícitos e uma ação institucionalizada, estruturada, sistemática [...].

Ou seja, quando nos referimos à educação escolar, estamos nos remetendo a uma formação cultural formalizada institucionalmente por um poder, como por exemplo, um governo. Conforme Kant (1993), a relação entre instituição de ensino, docência e Estado é imanente. De fato, a inclusão ou exclusão de certas informações e doutrinas educacionais é sancionada por determinado governo conforme o que é ou não conveniente para a conjuntura hegemônica. Além disso, os docentes são diretamente subordinados ao governo, mediante a assinatura de um contrato de trabalho.

Na prática de seu ofício o professor, ao se construir e se desconstruir, desenvolve uma tarefa complexa e essencial para a sociedade. A docência tem em si a própria complexidade do ato de educar acrescida ao fato de ser uma atribuição social, responsável pela base das demais profissões. Este argumento está de acordo com Tardif e Lessard (2005, p.170), quando eles afirmam que a prática docente é elemento inerente à origem de nossa estrutura social, “[...] tendo proeminência sobre outras esferas de ação, já que o pesquisador, o operário, o tecnólogo, o artista e o político de hoje devem necessariamente ser instruídos antes de fazer o que fazem”.

Conforme Gimeno Sacristán (1999), a prática docente é cultura objetivada, expressa na tradição do grupo de professores na forma de um conhecimento prático compartilhado, modelos e padrões de docência. Neste sentido, a prática docente é manifestação da rede de significados da cultura, proporcionando ao grupo docente uma articulação solidária para ação, pautada por condutas, crenças, formas de representar, emoções, valores. Para Morgado (2005), esta cultura do cotidiano escolar é prioritariamente a cultura dos professores como grupo social e como corpo profissional – cultura docente –, sendo caracterizada como um

[...] conjunto de crenças, valores, hábitos, formas de fazer as coisas e normas dominantes que influenciam e determinam o que os docentes consideram valioso no seu contexto profissional e, ainda, os modos politicamente corretos de pensar, de sentir, de actuar e de se relacionarem entre si. (MORGADO, 2005, p.76).

Em outras palavras, os docentes partilham representações sociais que, no

cotidiano, entre o movimento de consenso e dissenso, forjam sua identidade grupal e senso de pertencimento do indivíduo ao grupo. A partir do olhar da Teoria das Representações Sociais, Denise Jodelet (2001) ressalta a importância deste saber do senso comum na vida prática, orientando os grupos a uma prática social homogênea.

## COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA

Os meios de comunicação tomam para si, de forma mais ou menos consciente, a tarefa de conformar o público à manutenção do *status quo*. Para Jovchelovitch (2000) eles são um importante meio gerador de significados e valores hegemônicos. Conforme linha argumentativa, as práticas jornalísticas são responsáveis em grande parte pela divulgação do conhecimento reificado em nossa sociedade. Fazendo uma espécie de recorte da realidade, a produção jornalística interpreta e simplifica conhecimentos específicos, levando-os para o dia a dia das pessoas, permeando suas conversas informais.

Grosso modo, a imprensa – que se organiza como instituição – interpreta a realidade, fazendo um recorte que favorece agrupamentos de significados imanentes à ideologias de instituições hegemônicas. Conforme Filho (2006), a ideologia seria uma representação da realidade, compartilhada coletivamente, que possui um potencial de influência sobre o senso comum de determinado grupo ou sociedade, legitimando práticas, relações de poder e dominação. Conforme o autor:

Anterior a toda outra coisa, a ideologia assegura, por meio de representações imaginárias, crenças coletivas e certas ideias sociais, que todos os sistemas de sociedade, mesmo naqueles nos quais não há classes nem Estado, funcionem e durem como realidades que existiriam sem vestígios da ação humana, da cultura, da história. (FILHO, 2006, p.3).

O viés ideológico seria elemento inseparável do social, responsável pela socialização dos indivíduos na medida em que funda o consenso e justifica os imperativos sociais da realidade, favorecendo estabilidade identitária dos grupos, resguardando determinadas regras formais e informais da coexistência em um corpo social por meio do simbólico. Nesse sentido esta perspectiva vai de encontro com o quadro teórico da Teoria das Representações Sociais. Moscovici, no livro *Representações sociais: investigações em Psicologia Social* (2003), aproxima-se do tema ao afirmar que a propaganda – produtora de estereótipos – seria basicamente

uma forma de comunicação ideológica, na qual se manipula determinado saber deliberadamente para estabelecer a identidade de um grupo e indispor-lo com outro.

Conforme Guareschi (1995, p. 199), em estudo acerca do bem e o mal para os membros de religiões neopentecostais, o conceito de ideologia para a Teoria das Representações Sociais passa pela apropriação de determinada realidade representacional para determinado grupo ou instituição. Este conhecimento se reifica e “[...] se torna discurso estruturado e estruturante impondo uma ordem estabelecida como natural [...]”, transformando-se assim em uma representação hegemônica a serviço das relações de poder. Neste sentido, a ideologia no campo social é articulada pelas instituições que respondem pelas formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas; no plano individual, elas se reproduzem em função da história de vida e da inserção grupal específica de cada indivíduo.

Para Flament e Rouquette (2003), a ideologia se enquadra na estrutura relacionada à arquitetura do pensamento social, e desempenharia um papel de influência no que tange a geração de representações sociais vinculadas à dimensão de edificações de condutas. Dessa forma, partindo do pressuposto de que muitas ideias, valores e teorias imanentes ao senso comum não estão necessariamente ligados a relações históricas de dominação, tampouco à luta de classes, o estudo das relações entre as representações sociais, os desdobramentos cognitivos e psicossociais do senso comum, e ideologias, os modos como os discursos permeiam as relações de poder apontam para o entendimento acerca de como se constituem conhecimentos orientadores de práticas e de como estes servem à manutenção de um determinado contexto social.

## TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E A REVISTA NOVA ESCOLA

Para Rouquette (2005), no campo da Psicologia Social os meios técnicos de comunicação compõem um significativo elemento de fomento das representações sociais no quadro do pensamento geral. Segundo o autor, estes meios se referem a um conjunto de práticas sociais presentes em um espaço público de interação, ou seja, são socialmente partilhadas. Grosso modo, quando assistimos a um programa televisivo, lemos algum jornal ou escutamos um programa radiofônico, buscamos sentido para a informação recebida, fazendo associações com nosso arcabouço de conhecimentos prévios e conhecimentos socialmente partilhados.

Esta linha de pensamento coaduna com a hipótese da área de comunicação denominada *Agenda-Setting* ou, como é mais conhecida, Teoria do Agendamento. Conforme Wolf (2001), esta teoria consiste na capacidade dos veículos de comunicação social de pautar para a sociedade os temas de debate e de boa parte das interações do cotidiano. Considera, portanto o nível cognitivo e ideológico dos produtores e receptores de determinada informação.

Em outras palavras, determinado veículo de comunicação vinculado à imprensa:

1) Em nível de emissão: organiza a sua agenda de informações baseando-se no consenso social sobre determinado tema. Este processo é sujeito a diversos filtros: políticas ideológicas institucionais, crivo subjetivo autoral dos diversos agentes responsáveis pela elaboração de matérias e reportagens;

2) Em nível de recepção: o conhecimento é devolvido para a sociedade, assimilado pelo senso comum, reforçando assim determinados aspectos que favorecem a reprodução de significados socialmente partilhados.

Há de se considerar ainda que haja uma constante troca de significados entre emissor (meios técnicos de comunicação) e receptores (diversos grupos sociais). Trata-se, portanto, de um sistema aberto onde veículo e leitor se influenciam mutuamente, com menor ou maior grau de intensidade.

A emergência de novas configurações e relações sociais traz consigo a fragmentação de nossa sociedade em vários grupos de pertença unidos por gostos, desejos e hábitos que extrapolam fronteiras regionais. Nunca tivemos tanta informação circulando em nosso mundo como hoje. Podemos afirmar que vivemos em uma sociedade da informação, o que não quer dizer que tenhamos uma partilha democrática deste tipo de conhecimento. Estes fenômenos motivaram uma resposta por parte dos grupos que controlam os meios técnicos de comunicação. Empresas responsáveis por cinema, televisão e jornais se uniram por todo o mundo em grandes conglomerados. Antes, cada um desses pequenos grupos seguia a lógica da massificação, onde determinada mensagem era enviada ao grande público, uniformemente. Agora, unidos, segmentam suas mensagens, personalizando seu receptor, levando em conta a multiplicidade de grupos sociais existentes, potenciais consumidores de seus produtos. (ABIAHY, 2000).

A segmentação de mercados é um dos mecanismos de manutenção adotados para aderir mais aos desejos de um mercado ao qual “[...] o leitor passa a ser visto

como consumidor em potencial e o editor torna-se um especialista em grupos de consumidores”. (MIRA, 1997, p. 72).

Este reflexo da atual dinâmica social pode ser observado nas revistas especializadas “[...] Por ser o veículo mais propício à segmentação, a revista torna-se o melhor meio para se observar a especialização jornalística, expondo um panorama das temáticas trabalhadas no jornalismo especializado”. (ABIAHY, 2000, p. 2). A proliferação desta modalidade de publicações nos mostra que os diversos segmentos sociais passaram a ser representados pelos meios técnicos de comunicação.

Conforme Marília Scalzo (2008), quem define o que é uma revista é o seu leitor. Uma revista especializada é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura entre jornalismo e entretenimento. São objetos fáceis de carregar, facilmente colecionáveis e que despertam laços afetivos em seus portadores. Conforme a autora, uma revista especializada

[...] é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato em que se estabelece um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, isto é, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. (SCALZO, 2008, p.12).

Muitas dessas revistas especializadas são dirigidas a profissionais, mas não são tão complexas que não possam ser lidas pelo público em geral. Um bom exemplo são as revistas especializadas em Educação, preparadas para o segmento docente brasileiro, mas que podem ser lidas por pais, alunos, quaisquer interessados.

Segundo Costa e Silveira (1998) as revistas especializadas em educação veiculam de forma simplificada as novas tendências, pesquisas e descobertas da área, visando atingir leitores menos familiarizados com a linguagem científica e/ou acadêmica. Essas publicações se aproximam de outros veículos de comunicação social mais populares, ao propor a “ensinar como fazer”, dando “dicas”, “sugestões”. Para as autoras, a razão do sucesso dessas revistas

[...] está associada a certas inquietações do trabalho docente, que poderiam ser emblematicamente expressas na pergunta “O que eu posso fazer na minha sala de aula?” Uma linguagem mais próxima ao discurso do cotidiano escolar (ao invés do jargão acadêmico), o uso de mecanismos discursivos de envolvimento do leitor ou leitora, uma apresentação gráfica que inclui ilustrações e outros recursos além do texto escrito, e, enfim, a invocação da referência “caminho de

atualização constante” delineiam um quadro característico desse tipo de publicação. (COSTA E SILVEIRA, 1998, p.346).

Dentre estas publicações destaca-se a revista Nova Escola, a qual será tomada por objeto a ser explorado, considerando alguns de seus aspectos discursivos, no tópico a seguir.

## METODOLOGIA

A construção metodológica a ser utilizada nesta pesquisa viabiliza-se em Gatti (2005) na medida em que considera uma inter-relação entre os conceitos de quantidade e qualidade. Os sujeitos desta pesquisa foram todos professores do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede municipal de Cuiabá. O objeto da pesquisa, suas representações acerca da imagem docente.

Utilizou-se na pesquisa um instrumento composto por duas partes: perfil dos sujeitos e Associação livre de Palavras (ALP). A ALP em pesquisas de representações sociais permite evidenciar universos semânticos comuns a determinado grupo, o que pode viabilizar a identificação de elementos estruturais de uma representação – núcleo central e periferia -, conforme Abric (1998). Para a aplicação do questionário, foram visitadas nove (9) escolas municipais na capital mato-grossense e inquiridos 146 professores, durante o segundo semestre do ano de 2008. Os passos metodológicos deste trabalho podem ser sintetizados no quadro a seguir:

**Quadro 1** – Instrumentos e procedimentos de análise

<i>Instrumento</i>	<i>Tipo</i>	<i>Motes/questões</i>	<i>Programas para análise</i>
<b>Questionário</b>	<b>Associação livre de palavras (ALP)</b>	1) Professor no cotidiano; 2) Professor na revista Nova Escola	1) <i>Statística8.0</i> ; 2) Microsoft Excel, 3) <i>TableCurve2D</i>
	<b>Perfil</b>	Idade, sexo, estado civil, formação, e dados profissionais;	

Fonte: do autor

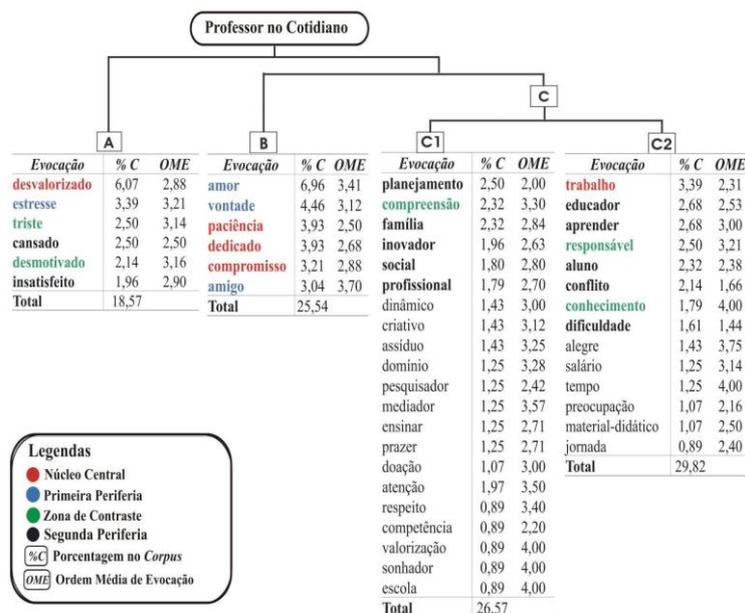
Na primeira fase da análise constatou-se que os sujeitos da pesquisa foram predominantemente mulheres, casadas, com faixa etária entre 31 e 40 anos. A maioria delas cursou faculdade de Pedagogia, fez especialização e leciona principalmente do 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental.

**O PROFESSOR NO COTIDIANO**

A partir do processamento pelo programa *Statística 8.0*, criou-se a *Ilustração 1*, que apresenta três classes analíticas, denominadas aqui *A*, *B* e *C*. O ramo correspondente à classe *C* desdobrou-se em outras duas classes, *C1* e *C2*. Para explicitar as relações entre evocações elaborou-se um modelo composto por tabelas de contingência, conforme posicionamento dos termos em cada classe. Além disso, baseando-se no conceito do quadro de elementos estruturais de Abric (1998), os termos evocados foram destacados com diferentes cores conforme eventual presença em um dos quadrantes – núcleo central, primeira periferia, zona de contraste e segunda periferia.

Tal análise se apoiou em critérios estatísticos utilizados como referencial na delimitação das evocações nos quadrantes na elaboração do quadro de Abric (1998): 1) ordem média de evocação: uma média da ordem de evocação as palavras obtidas; 2) Frequência mínima de evocação: ponto de corte mínimo das evocações, delimitado, mediante constatação de um padrão de repetição de palavras com frequência baixa; 3) frequência média: resultante da divisão entre a frequência total das palavras e a soma da quantidade de palavras, todas acima do ponto de corte delimitado. Para o mote indutor *Professor no cotidiano*, foi considerado como ponto de corte as seguintes estatísticas: média de evocação = 3,00; frequência mínima de evocação = 9 e uma frequência média = 16.

**Imagem 1** – Modelo arbóreo referente ao mote indutor: *professor no cotidiano*



Como se pode observar na ilustração 1, no anexo, 26 palavras, dentre as 47 diferentes evocações do corpus encontram-se nos quadrantes da estrutura representacional. Em síntese, o resultado para cada uma das classes foi:

*Classe A* - Apresenta um agrupamento de evocações que sugerem um discurso queixoso, que utiliza a objetivação de um professor exausto, oprimido por uma realidade educacional arbitrária, para justificar a o papel docente frente à crise que permeia cultura educacional atual.

*Classe B* - Conforme as relações entre a presença de suas palavras no *Núcleo Central* e na *Primeira Periferia* da estrutura representacional, a relação ético-profissional é um importante elemento do professor no cotidiano, por definir os padrões morais que compõem a imagem do professor na relação com seu grupo e com a sociedade.

*Classe C1* - Em geral, para esta classe, percebem-se fragmentos de diversas concepções educacionais e características individuais que formam um discurso acerca de um professor prático, que se ajusta a um modelo ideado pelas regras informais de seu ofício.

*Classe C2* - Em geral, as evocações desta classe apontam para um professor do cotidiano preocupado com questões imediatas, como o concreto exercício de seu ofício – em sala de aula - e o caráter profissional do trabalho docente, modulado pela ética profissional.

A análise dos elementos estruturais, mais especificamente do núcleo central – composto pelas palavras desvalorizado, dedicado, paciência, trabalho e compromisso – referenda a presença do discurso da queixa, no entanto percebe-se que dentre as teorias pedagógicas, destaca-se a tradicional, ligados às características pessoais do professor. A presença de termos ligados a estas características idealizadas, como amor, vontade e amigo e por um com conotação negativa – estresse - na primeira periferia parecem referendar esta tendência. Conforme Abric (1998), os termos presentes neste quadrante possuem caráter de novidade. São aqueles com alta freqüência e mais prontamente evocados. Podem, conforme o tempo vir a configurar parte do núcleo central da representação.

Em geral, as evocações sobre o *professor no cotidiano*, presentes no quadro de elementos estruturais parecem indicar uma representação hegemônica, que conforme Wagner (1998) são aquelas mais duradouras, estáveis, ligadas à tradição e partilhadas consensualmente entre os membros de um grupo. As percepções e

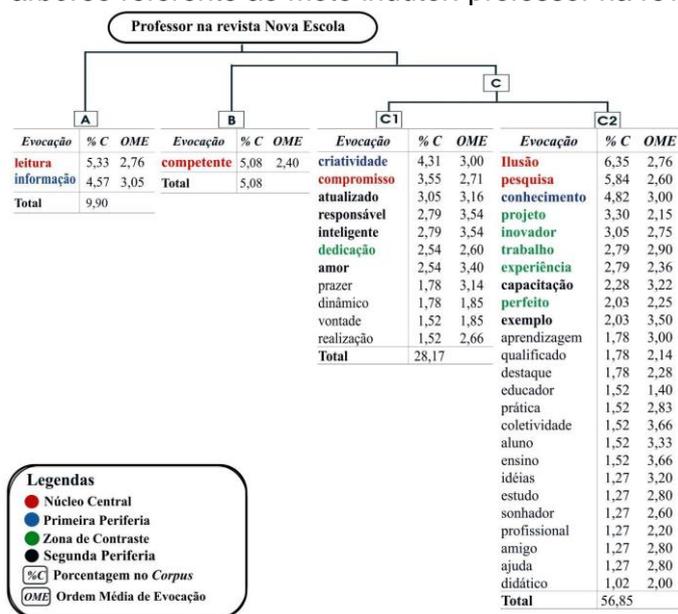
interpretações do cotidiano docente e, desta forma, a representação social do *professor no cotidiano* parece se ancorar em características tradicionais de seu ofício – como o caráter feminino presente no trabalho docente e a ética profissional– e se objetiva pela imagem de um professor desvalorizado. Nesse sentido, o *professor no cotidiano* se apresenta como um profissional permeado por qualidades positivas, mas insatisfeito com suas condições de trabalho.

## O PROFESSOR NA REVISTA NOVA ESCOLA

A partir da análise por componentes principais, foi obtido um dendrograma que representa a relação das 39 diferentes palavras obtidas os sujeitos da pesquisa. Mediante avaliação das ligações das palavras representadas no gráfico arbóreo, demarcou-se três (3) classes – Classe A, Classe B e Classe C – sendo a última delas, subdividida em duas subclasses – C1 e C2.

Assim como feito para o mote indutor *Professor no cotidiano*, representaram-se graficamente as ligações das classes referendadas, com seus respectivos percentuais e evocações, além da localização das evocações nos quadrantes do quadro de quatro casas, conforme Abric (2008), expressas por diferentes cores. Para a análise estrutural, adotou os seguintes critérios estatísticos como ponto de corte: média de evocação = 3,00; frequência mínima de evocação = 8 e frequência média = 14.

Imagem 2 – Modelo arbóreo referente ao mote indutor: professor na revista Nova Escola



Como se pode observar na ilustração 2, 20 palavras, dentre as 39 diferentes evocações do corpus encontram-se nos quadrantes da estrutura representacional. Em síntese, o resultado para cada uma das classes foi:

*Classe A* - As evocações *leitura* e *informação* separam-se das demais, e formam outra ligação, expressa de forma oposta à maioria das palavras, talvez indicando a existência de uma atitude passiva frente aos meios técnicos de informação. Vejamos a implicação deste fato, após a análise das demais classes.

*Classe B* - O professor apresentado pela revista Nova Escola é visto pelos sujeitos da pesquisa como aquele que segue um padrão técnico e responde positivamente à ética informal de sua profissão – aquele promove o ensino efetivo e segue os padrões morais –, promovendo uma visão positiva de seu grupo frente aos anseios da sociedade contemporânea.

*Classe C1* - Em geral, as palavras desta classe podem indicar um modelo profissional a ser alcançado, uma meta em comum para o grupo de respondentes. Talvez esta seja uma visão consensual sobre o que a sociedade espera do docente e que a revista Nova Escola propõe ao seu leitor.

*Classe C2* - Em geral, as evocações da classe C2 aparentam não ser consensuais entre os licenciandos. De um lado, o termo *ilusão* mostra que parcela dos sujeitos não reconhece o professor de Nova Escola como representação de sua realidade, do outro, temos palavras que remetem a um professor idealizado – e porque não artificial -, composto por atributos positivos, tanto pessoais como práticas.

Os resultados preliminares para este mote indutor indicam que o aparente contraste percebido na análise das evocações dos sujeitos pode sugerir um dissenso por parte do grupo de professores em relação ao *professor na revista Nova Escola*.

Nesse sentido, existe a possibilidade da existência de representações sociais do docente na revista Nova Escola em formação, com subgrupos negociando e construindo significados. Conforme explicitado no início deste tópico, existiriam dois grupos: 1) Um que percebe a ideologia por trás das informações e imagens da revista, caracterizando-a como *ilusão* e outro 2) que se posiciona favorável, visualizando uma imagem docente ideal, aceitando a publicação como detentora do conhecimento necessário para o bom desempenho de suas ações cotidianas.

O segundo grupo seria aquele que apontaria para uma representação social do *professor na revista Nova Escola* com maior nitidez. Nesse sentido, ela seria

ancorada em referenciais educacionais inovadores, como o construtivismo, sendo objetivada pela imagem de um professor competente, amoroso e com características ideais, sendo pesquisador e detentor do conhecimento. Sabemos que uma coisa é o discurso, outra é a prática. Nesse sentido, o dissenso do grupo de professores quanto a sua imagem no veículo comunicacional pode estar apontando para um docente com práticas individualistas – caracterizado por Morgado (2005) –, que no isolamento de seu ofício recorre ao conteúdo veiculado por Nova Escola como suporte às suas ações.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados apontou para um contraste entre os resultados dos dois motes: de um lado, uma representação do professor do cotidiano com características pessoais positivas e que enfrenta um contexto negativo para sobreviver e do outro, uma imagem docente ideal na revista Nova Escola, como um modelo a ser seguido pelos demais professores.

Na comparação entre os resultados para os dois motes indutores percebeu-se um compartilhamento de elementos ligados a um modelo docente ideal. Das evocações presentes nos quadros de elementos estruturais, os dois motes partilham: *compromisso, conhecimento, dedicado/dedicação, trabalho e amor*. Destes, apenas *compromisso* integra a centralidade de ambos.

Outro ponto chama a atenção: os mesmos sujeitos que pronunciaram termos relativos ao discurso queixoso para o primeiro mote, são aqueles que evocaram os termos *competente, informação e leitura* no segundo. Ou seja, os sujeitos que evocaram termos queixosos para *professor no cotidiano*, se dividem entre aqueles que consideram o professor apresentado por Nova Escola como um profissional competente e aqueles que não reconhecem a imagem docente propalada pela publicação. Posto isto, podemos considerar que parte dos professores questionados partilham componentes inerentes ao modelo docente contemporâneo circunscrito por Morgado (2005) – pragmático, autônomo, que prima pela competência, mas que, no entanto tende a se preocupar mais com a forma do que com o conteúdo, por conta da pressão social atual que tende a promover a lógica da quantidade em detrimento da qualidade e do tempo demandado.

No entanto, não é possível afirmar se o componente ideológico relativo a

revista Nova Escola influencia ou não as representações sociais do ofício docente, pois apenas indícios foram encontrados. Mas é fato que estes traços, enquanto *corpus* organizado se constitui como objeto de reflexão verdadeiro. Conforme Franco (2004), “[...] as representações sociais idealizadas, a compreensão abstrata do mundo, a incorporação de meias verdades manipuladoras, levam a discutir sua necessária desconstrução e, conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência.”

Investigações futuras podem ser necessárias para se aprofundar em temas como o modelo docente contemporâneo e a relação entre ideologia e conhecimento socialmente partilhado. As possibilidades de diálogo entre campos teóricos como comunicação e psicologia social podem colaborar para uma reflexão proveitosa dos fatos sociais presentes no campo educacional. Os resultados para o mote indutor *professor na revista Nova Escola* revelam dois grupos entre os docentes, que encaram a publicação de forma diferenciada: os que negam sua influência, mediante o vocábulo *ilusão* e os que ressaltam sua importância quanto às informações sobre educação veiculadas, e se identificam com a imagem de professor por ela apresentada.

Este último grupo parece perceber elementos identitários de um professor ideal na supracitada publicação. Uma imagem ligada ao profissionalismo e ao modelo construtivista, em contraponto à ancoragem em concepções diversas do *professor no cotidiano*. Seria entendido aqui como um ideal a ser buscado, um modelo a ser seguido. O professor competente, exemplo para os demais.

O professor apresentado por Nova Escola, enquanto objeto de representação, pode não estar totalmente inserido na cultura grupal dos sujeitos, daí o dissenso e a separação em dois grupos. Ou essa situação poderia representar um conflito de perspectivas entre aqueles que associam o atributo *ilusão* ao professor da revista Nova Escola e os que comungam a perspectiva do professor idealizado, o que apontaria para representações polêmicas, formadas em meio a conflitos.

É interessante perceber que, tal como Cancian (2008) explicita em seu trabalho, muitos termos referentes a este mote remetem à concepção socioconstrutivista, tais como: *criatividade, conhecimento e pesquisa*, todos no sentido de uma construção do conhecimento. Conforme Wagner (1998, p. 20), é possível que os cinco critérios sociogenéticos se apliquem às representações sociais polêmicas:

[...] essas representações precisam ser mantidas por consenso funcional, elas se referem a um fenômeno relevante para o grupo, elas

mudam a rotina diária dos membros do grupo - pelo menos em nível de argumentos e avaliações nas conversações - elas são holomórficas no sentido de conterem meta-informação sobre o comportamento de outros e sobre seus limites sociais de validade, e, finalmente, elas se referem a grupos mais claramente delimitados.

Os resultados para o mote indutor *professor no cotidiano* apontaram para uma representação hegemônica. Esta se ancora em elementos de diversas concepções, que formam uma bricolagem de significados, características positivas e no discurso do profissionalismo, com o objetivo de romper com a objetivação de um professor desvalorizado e insatisfeito com suas condições de trabalho.

Lembrando de Jodelet (2001), quando ela fala da ordem problemática que resume um estudo em representações sociais, afere-se que os sujeitos da pesquisa falam do lugar ocupado como docentes do ensino fundamental das escolas públicas de Cuiabá-MT (*quem sabe e de onde sabe?*), sobre seu grupo de pertença e suas vivências cotidianas (*O que sabe e como sabe?*) e como o contexto em que estas informações os afetam nos dias de hoje (*Sobre o que sabe e com que efeitos?*).

Nesse sentido, ser professor nos dias de hoje significaria continuar exercendo seu trabalho apesar das adversidades encontradas no cotidiano do exercício docente. Apesar de pouco tempo de convívio, graças à sua jornada de trabalho, os docentes persistem adotando estratégias de sobrevivência, que podem ser coletivas ou individuais. Em um âmbito coletivo, a adoção de uma prática docente sustentada por concepções híbridas ocupa, pelo menos em parte, a ausência de políticas públicas de formação continuada que considerem sua realidade e denuncia, possivelmente, uma insuficiência na articulação entre teoria e ação em sua formação nas universidades.

Conforme Silva e Speller (2008), os professores se encontram sobrecarregados por suas atividades profissionais e pessoais, tendo poucas possibilidades de buscar formação. Muitos deles ressaltam a necessidade de um acompanhamento das instituições formadoras após o término da graduação.

Outra dimensão a se considerar é a instrumentalização de valores e o reforço do discurso do profissionalismo como forma de superar a desvalorização e a chamada crise na educação. Sobre esta crise, Zagury (2006) diz que o professor se tornou refém dos significados que orbitam em torno de vários mitos presentes no âmbito escolar. A adoção pelo novo, na forma do discurso do profissionalismo, esteve presente no núcleo central para o mote indutor associado a revista Nova Escola e seria uma forma de resistência a esta coerção do tradicional. No entanto, até que

ponto uma ruptura com o tradicional pode afetar a rede de significados sobre o professor?

Conforme Abric (1998), o núcleo de uma representação social dá forma e orienta os significados que lhe compõem. Posto isso, pode-se considerar que é corrente um processo de mudanças nas representações sociais sobre professor, guiado pelo discurso do profissionalismo.

Se analisarmos os dados para este mote a partir da perspectiva sociogênica das representações sociais (WAGNER, 1998), pode-se verificar que o objeto de representação estudado atende aos critérios de relevância, prática e afiliação, até por se tratar da representação que o grupo docente possui de sua identidade profissional grupal. A presença de um discurso permeado por descontentamento aponta a mobilização dos professores em torno de um significado que, de certa forma, os agrega como unidade social reflexiva, ao definir ameaças externas. Este seria um consenso funcional.

Esta representação atenderia ao critério *holomórfico* da sociogênese das representações sociais, por conter meta-informação – uma informação que pode descrever outra informação – sobre os demais membros do grupo.

Na comparação entre os resultados para os dois motes indutores, percebeu-se um compartilhamento de elementos ligados a um modelo docente ideal. Das evocações presentes nos quadros de elementos estruturais, os dois motes partilham: *compromisso, conhecimento, dedicado/dedicação, trabalho e amor*. Destes, apenas *compromisso* integra a centralidade de ambos. Na análise do Gráfico 6 um ponto chama a atenção: os mesmos sujeitos que pronunciaram termos relativos ao discurso do descontentamento para o primeiro mote, são aqueles que evocaram os termos *competente, informação e leitura*, no segundo. Ou seja: os sujeitos que evocaram termos queixosos para *professor no cotidiano*, são aqueles que consideram o professor apresentado por Nova Escola como um profissional competente e informado.

A ideologia presente na relação entre a revista Nova Escola e o professor pode se inserir neste contexto. Conforme Geertz (1989) a ideologia pode estar presente em dicotomias como bem e mal, branco e negro, etc. Moscovici (1978) fala da ideologia associada a estereótipos veiculados pela propaganda, que reforçam oposições identitárias entre grupos. Flament e Rouquette (2003), quando abordam a ideologia, a inserem na dimensão da arquitetura do pensamento social, tendo o

binarismo das *thematatas* em sua composição.

Como se percebe, esses autores apontam uma função da ideologia calcada no reforço de diferenças. Grosso modo, a imagem docente veiculada pela revista Nova Escola se apropria e fomenta a reprodução de significados associados a relações duais na educação, como o tradicional e o novo, a vocação e o profissionalismo, o professor desvalorizado e o docente reconhecido, falta de estrutura e garantia das condições de trabalho.

Conforme Revah (2008), a revista Nova Escola privilegia o ideário construtivista em suas páginas, e mais recentemente o discurso do mercado na forma do profissionalismo. Silva (2005) fala da promoção de um reforço de conhecimentos, crenças e valores atualmente circundantes na educação por parte da revista, como tendo um viés ideológico. Guareschi (1995) afirma que o viés ideológico na linha das representações sociais passa pela apropriação de determinada realidade representacional por um grupo ou instituição, com o intuito de lograr vantagens na negociação de significados presentes nas relações de poder inerentes à sociedade.

Nesse sentido, percebe-se a revista Nova Escola como uma publicação vinculada a determinado grupo, que se apropria dos significados binários – função ideológica – presentes nas disputas entre consenso e dissenso na emergência da representação social do professor, favorecendo seus discursos – professor construtivista, profissionalismo.

Mas por que este movimento? A revista Nova Escola, bem como seu conteúdo, apesar do financiamento governamental, é um produto de consumo, com fins lucrativos. E como preconiza a Teoria do Agendamento da sociologia comunicacional (WOLF, 2001), um meio técnico de comunicação, inserido em uma sociedade em que a informação é valorada, salienta aquilo que é consensual para o segmento ao qual está voltado. Ou seja, um processo de dupla via: a revista agenda a imagem docente para os professores baseados em modelos fornecidos pelos próprios professores. Em síntese, os dados obtidos juntos aos professores possibilitaram a identificação de:

- 1) Uma representação social do professor no cotidiano objetivada por um professor desvalorizado, que instrumentaliza valores e profissionalismo para superar as adversidades encontradas em seu percurso profissional e ancorada em fragmentos de diversas concepções, produzindo significados híbridos;
- 2) Uma representação social do professor na revista Nova Escola,

objetivada por um professor competente e profissional, ancorado na concepção socioconstrutivista; e

3) Uma ideologia atrelada à revista Nova Escola, que se apoia em binarismos presentes no arcabouço de significados sobre professor, favorecendo o modelo docente apresentado em suas páginas.

Da opção pela investigação pautada pela intersecção teórica formada por trabalho docente, Teoria das Representações Sociais e comunicação social consideraram-se algumas dificuldades, tanto epistemológicas quanto de ordem operacional. Tais questões mostraram-se superadas e ao final deste trabalho constatou-se que as possibilidades de diálogos entre campos teóricos como Comunicação e Psicologia podem colaborar para uma reflexão proveitosa dos fatos sociais presentes no campo educacional.

## REFERÊNCIAS

ABIAHY, A. C. **O Jornalismo Especializado na sociedade da informação**. Monografia (bacharel em comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

ABRIC, J. C. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Org.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BATISTA, C. M. P.; CÂNDIDO, F. **Ouvindo professores**. Coleção Educação e Psicologia, v.11, Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

CAMARGO, B. V. A televisão como vetor de difusão de informações sobre a AIDS In: **Representações sociais: Abordagem interdisciplinar**. 1ª ed. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2003, v.1, p. 130-152.

CANCIAN, E. P. F. **O discurso de uma revista especializada em educação: um olhar sobre a construção metafórica do professor**. Dissertação (Mestrado em linguística aplicada e estudos de linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, C.; HOLLANDA, H. B. (Orgs.). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. p. 343-378.

FILHO, A. S. **Ideologia e transgressão**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Artigo (on-line). 2006. Disponível

em:<[http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index\\_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS\\_PDF/Ideologia%20e%20transgressao.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Ideologia%20e%20transgressao.pdf)> Acesso em: 25 nov. 2009.

FLAMENT, C.; ROUQUETTE. M. **Anatomie des idées ordinaires**: comment étudier les représentations sociales. Paris: Armand Colin, 2003.

FRANCO, M. L. P. B. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**, Cadernos de Pesquisa, (On-line) v. 34, n. 121, p.169-186, jan./abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000100008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000100008&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 12 de abr. 2017.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1997.

GATTI, B. A. Quantificação em pesquisa: questões. In: **Revista de Educação Pública**, nº 26. Cuiabá: EdUFMT. 2005.

GATTI, B. **Palestra sobre formação continuada. Seminário Pedagógico Qualidade de Ensino e Avaliação**. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pro/18\\_bernadete.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pro/18_bernadete.pdf)> Acesso em: 14 de dez. 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 321-341.

GUARESCHI, P. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S.; **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes. 1997, p. 191-225.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações Sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.17-44.

KANT, I. **O conflito das faculdades**. Lisboa: Edições 70, 1993.

LESSARD, C.; TARDIF, M. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2008.

MORGADO, J. C. **Currículo e profissionalidade docente**. Porto: Porto Editora, 2005.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social.** Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

**Nova Escola, Nº 1.** São Paulo: Editora Abril - Fundação Victor Civita, 1986.

**Nova Escola, Nº 209.** São Paulo: Editora Abril - Fundação Victor Civita, 2008.

**Nova Escola, Nº 219.** São Paulo: Editora Abril - Fundação Victor Civita, 2009.

REVAH, D. **A professora nas imagens da Nova Escola.** In: Anais do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto), 2008. Disponível em: <[http://web.letras.up.pt/7clbh\\_eporto/trabalhos\\_finais/eixo1/IA995.pdf](http://web.letras.up.pt/7clbh_eporto/trabalhos_finais/eixo1/IA995.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2009.

SACRISTÁN, J. G.. **Poderes instáveis em educação.** Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCALZO, M.. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto. 2008.

SILVA, A. C. E.; SPELLER, M. A. R.. **Formação e profissionalização docente.** Cuiabá: EDUFMT, 2008.

WAGNER, W. Sociogênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998, p. 3-25.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Presença, 2001.

XAVIER, R. **Representação social e ideologia: Conceitos intercambiáveis?** Belo Horizonte: Revista Psicologia e Sociedade. vol.14 n. 2, jul./dez. 2002.

ZAGURY, T. **O professor refém.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

Data de Recebimento: 28/12/2016   Data de Aprovação: 01/06/2017
---